



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CRISTIANE FERNANDES DE BRITO

**MULHERES NO ESPORTE: MATÉRIAS DO JORNALISMO ESPORTIVO NA
MÍDIA LOCAL E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

CAMPINA GRANDE - PB

2018

CRISTIANE FERNANDES DE BRITO

**MULHERES NO ESPORTE: MATÉRIAS DO JORNALISMO ESPORTIVO NA
MÍDIA LOCAL E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

*Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado
ao curso de graduação Licenciatura em Educação Física da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de licenciado em Educação Física*

Área de concentração: Ciências da Saúde

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elaine Melo de Brito Costa

CAMPINA GRANDE-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862m Brito, Cristiane Fernandes de.
Mulheres no Esporte [manuscrito] : matérias do jornalismo esportivo na mídia local e possíveis desdobramentos para a Educação Física escolar / Cristiane Fernandes de Brito. - 2018.
38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa, Departamento de Educação Física - CCBS."

1. Mulher no esporte. 2. Mídia esportiva. 3. Educação Física escolar.

21. ed. CDD 372.86

CRISTIANE FERNANDES DE BRITO

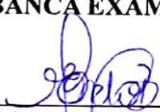
**MULHERES NO ESPORTE: MATÉRIAS DO JORNALISMO ESPORTIVO NA
MÍDIA LOCAL E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

*Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao curso de graduação Licenciatura
em Educação Física da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
grau de licenciado em Educação Física*

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elaine Melo de Brito
Costa

Aprovada em: 06 / 06 / 2018 .

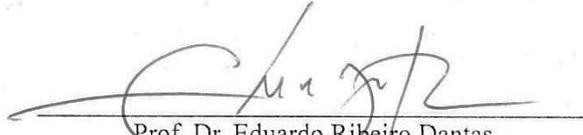
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Elaine Melo de Brito Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe Rejane que mesmo em meio as dificuldades que a vida trouxe, nunca desistiu dos nossos sonhos e sempre foi um símbolo de força para mim.

À minha irmã Thaís, que me ajudou durante a escrita desse trabalho e sempre esteve ao meu lado quando precisei. Você é a melhor irmã do mundo.

À Professora Elaine, que foi a melhor orientadora que pude ter tido. Sem você e seu excelente trabalho essa ideia não poderia ter existido. Sou muito grata por ter sido sua orientanda.

Às minhas tias e minha prima Rosemary, Risolange e Risllane, por acreditarem em mim e estarem presentes nos melhores momentos.

Ao meu amigo Emanuel, por ter sido meu companheiro e meu melhor amigo, por ter acreditado que eu era capaz de realizar meus sonhos e sempre me fazer rir nos piores e melhores momentos. Eu te amo.

Aos meus amigos de curso: Hugo, Valeska, Amanda, Sabrina, Allan, André, Carlos e Jorge e Isabelle por terem me acompanhado nessa trajetória e feito os meus dias na universidade mais felizes.

À Jéssica, uma irmã que a vida me deu, que alegrou os meus dias e os fez mais bonitos desde que entrou na minha vida. Eu consegui, irmã! Obrigada por apoiar meus sonhos.

Aos amigos de universidade que estiveram comigo todos os dias na CIAC tomando café e falando sobre a vida. Foram os melhores momentos que tive.

À Pâmala, Natália, Thaísa, Amora, Henrique, Francisco, Caio, Eduardo e Denilson, vocês são os seres mais belos e iluminados que conheci! O mundo precisa de vocês. Sou muito grata a cada um.

Ao meu pai e minha vó (*in memoriam*), embora fisicamente ausentes, me deram forças pra chegar onde cheguei. Senti as suas presenças por perto.

À Carolinne, por ser um exemplo de pessoa e me dado tanta força desde o dia que a conheci. Sou grata por tudo que tem feito por mim. Você é meu anjo da guarda.

À Wesley, que me incentivou e me deu apoio. Nossas conversas são uma forma de aquecer o coração, minha gratidão por poder partilhar essa passagem na terra contigo.

E aos amigos e colegas que não pude citar nesses agradecimentos, minha gratidão por terem contribuído para o meu crescimento como pessoa e/ou feito de alguma forma minha vida mais feliz e bonita.

RESUMO

Nos tempos atuais, a presença das mulheres no esporte vem se tornando cada vez maior, mesmo assim, o preconceito com as atletas e profissionais da área ainda é muito constante. O presente estudo teve como objetivo central identificar e discutir o que a mídia paraibana, a partir do portal online Globo Esporte Paraíba (GE-PB) no ano de 2017, aborda em suas matérias sobre mulheres no esporte. O estudo é de natureza qualitativa que caracterizou-se como uma pesquisa documental, tendo como fontes de produção de dados as reportagens divulgadas no portal online. Foram mapeadas as reportagens do ano de 2017, para serem analisadas e discutidas quantas dessas tiveram como principal tema a mulher esportista. Foram contabilizadas 1.946 reportagens no catálogo de vídeo do veículo, onde apenas 60 delas abordaram o tema mulher como enfoque. Por fim, foi possível observar a maneira como a mídia estereotipa a mulher dentro do esporte, a influência da mídia na questão da visibilidade das atletas para patrocinadores e a importância dessas matérias para serem discutidas como conteúdo durante as aulas de Educação Física Escolar.

Palavras-Chave: Mulher no esporte. Mídia esportiva. Educação Física escolar.

ABSTRACT

In the present times, the presence of women in the sport has been increasing, as well as the prejudice with the athletes and the professionals of the area are still very steady. The main objective of this study was the identification and dissemination of a media from Paraíba from the Globo Esporte Paraíba online portal (GE-PB) in the year 2017, discusses in their articles about women in the sport. The study is qualitative in nature and it is characterized as a documentary research, having as sources of data production as reports published in the online portal. Reports from the year 2017 were mapped, to be analyzed and the main journeys as the main theme of the woman sportswoman. 1,946 reports were counted in the video catalog of the vehicle, where only 60 addressed the woman topic as a focus. Finally, it was possible to observe the way that the media stereotypes the woman within the sport, the influence of the media in the issue of the visibility of the athletes to sponsors and the importance of these subjects to be discussed as content during the School Physical Education classes.

Keywords: Woman in sport. Sports media. School Physical Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1. ESPORTE E MULHER: UMA HISTÓRIA DE CULTURA	10
2.2. GÊNERO E FEMINILIDADE NO ESPORTE	11
2.3. A MULHER NO ESPORTE E A MÍDIA	13
3. METODOLOGIA.....	15
3.1. PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	15
3.2. ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	16
4. RESULTADOS OBTIDOS.....	17
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	355

1 INTRODUÇÃO

O esporte está em constante desenvolvimento. Os avanços na área podem ser vistos através das inúmeras conquistas que se tem atingido. Recordes são quebrados, metas ultrapassadas, nunca antes houve tamanha evolução nas modalidades esportivas. As mulheres estão cada vez mais presentes nessas conquistas, mas nem sempre foi assim. A inserção da mulher no esporte aconteceu por volta do século XX. Por conta da estrutura extremamente conservadora, no Brasil ainda não era permitido que as mulheres fizessem parte de alguns ambientes, incluindo o esportivo. Essa mudança foi acontecendo gradativamente, chegando primeiro nas mulheres da classe média alta que tinham acesso às novidades da Europa (GOELLNER, 2005).

Em meados do século XIX, a prática de exercícios físicos foi vista como uma forma de desenvolver aptidões (de pessoas) privilegiadas. As práticas corporais e esportivas eram vistas como uma acessível forma de divertimento para a classe média. Os exercícios físicos eram praticados pelas mulheres para obter um “corpo bonito” e saudável, para que pudessem enfrentar a vida moderna e a maternidade, além de cuidarem do casamento e do lar. Por isso, esportes como o futebol ou halterofilismo eram tidos como prejudiciais ao desenvolvimento do corpo e do comportamento feminino (GOELLNER, 2005). Com as práticas corporais mais visíveis que no século anterior, cresce a exibição pública dos corpos: mulheres mostram-se de diversas formas, e usam o discurso da saúde, da beleza e da higiene.

Nos tempos atuais, a presença das mulheres no esporte vem se tornando cada vez maior, mesmo assim, o preconceito com as atletas e profissionais da área ainda é muito presente. E mesmo com o grande número de feitos e conquistas de atletas, a visibilidade e credibilidade delas são colocadas diariamente em questão apenas pelo seu gênero. Dessa forma, a mulher ainda não passou por todas as áreas do universo esportivo, que ainda está refém de pensamentos conservadores e do conceito estereotipado de sua imagem como atleta.

Se no século XX a participação das mulheres no esporte era restrita, hoje ela quase não recebe seu devido reconhecimento na mídia, por exemplo. Mesmo ainda não tendo a mesma cobertura da mídia esportiva, com tantas dificuldades (seja pela falta de reconhecimento e acesso à mídia esportiva), elas conseguem seu lugar a cada dia que passa nos jogos. O olhar do homem devora a plenitude feminina dentro do esporte, e a mídia esportiva transforma, quase sempre, qualquer modalidade em concurso de beleza. Algumas frases e concepções são comuns: “mulher de alguém”, “a mulher que joga como um homem”, como também a atleta é

quase que obrigada a se inserir nos padrões de feminilidade e ser um exemplo de “musa” do esporte: ser bonita e com corpo perfeito para que outras mulheres se espelhem e sigam o que ela faz e como ela vive.

Nessa contextualização, o trabalho teve como objetivo central identificar e discutir o que a mídia paraibana, a partir do portal online Globo Esporte Paraíba (GE-PB) no ano de 2017, abordou em suas matérias relacionadas à mulher esportista. Os objetivos específicos foram: 1. Identificar e discutir os discursos revelados sobre a mulher esportista; 2. Apontar temas que dialoguem com os conteúdos da Educação Física escolar, à partir das matérias veiculadas ao portal GE-PB. Tendo as seguintes questões de estudo: Qual o lugar que a mulher ocupa na mídia esportiva? Quais os discursos que são vinculados à atleta? Como as matérias publicadas podem ser abordadas nas aulas de Educação Física escolar?

Esse estudo é de suma importância para ser questionado qual o espaço que a mulher esportista, seja ela atleta profissional ou atleta por hobby, tem dentro da sociedade e principalmente na mídia televisiva do esporte da Paraíba. Dialogando sobre questões históricas, sobre gênero e feminilidade dessas atletas, colocando em pauta como esses assuntos podem ser discutidos dentro da Educação Física escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESPORTE E MULHER: UMA HISTÓRIA DE CULTURA

Num resgate histórico das mulheres no esporte, percebe-se que a realização de tais práticas vem desde os tempos primitivos, onde elas participavam dos rituais de caça, mas, ao mesmo tempo, tinham que ficar reclusas. Esses mesmos hábitos refletiram na Grécia Antiga, que tinha uma estrutura social patriarcal (o que não difere dos tempos atuais, no que diz respeito à estrutura social predominante). E foi na Grécia Antiga que se iniciaram os primeiros jogos olímpicos, tidos como festas religiosas de culto aos deuses daquela época e daquela(s) cultura(s) (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

As pessoas reuniam-se a cada quatro anos pra realizar jogos e lutas, onde a participação da mulher era proibida até como espectadora. O motivo alegado era que mulheres poderiam ter danos fisiológicos, já que o acesso ao local das provas era muito íngreme. Entretanto, a participação da mulher nos jogos não era permitida por conta de uma outra questão. Este fato ocorria porque a cidadania para os gregos estava ligada a função de guerrear, atividade proibida para as mulheres, gerando praticamente a exclusão feminina da vida pública, cabendo a elas, somente, o papel social de ser mãe ou esposa de cidadãos (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

Depois que a Grécia foi conquistada, ela ficou sobre domínio Romano pelo imperador Teodósio, e a partir disso, foram proibidas as práticas esportivas por serem consideradas festas pagãs. As mulheres participavam como dançarinas ou acrobatas para divertimento de convidados, não tendo nenhum aspecto esportivo. Só a partir do Renascimento é que as mulheres foram autorizadas a praticar algumas modalidades femininas. A mulher só conseguiu conquistar um espaço mais considerável no esporte após as mudanças acarretadas pelas ideias dos filósofos humanistas. Elas só poderiam fazer ginástica, com objetivo de preparar o corpo para ter filhos (FLOR, 2011).

Apesar de vários avanços na área esportiva, a participação efetiva do sexo feminino nos esportes competitivos aconteceu apenas nos Jogos Olímpicos de 1900. Onze mulheres foram até Paris, na França, para participar dos I Jogos Olímpicos da era Moderna. Uma das mulheres mais importantes para a inclusão feminina nas olimpíadas foi a francesa Alice Melliat, que através da Federação Esportiva Feminina Internacional, reivindicou, junto ao Comitê Olímpico Internacional a entrada definitiva do sexo feminino nas competições de

atletismo e outras modalidades nas Olimpíadas. Maria Lenk, atleta brasileira, tinha apenas 17 anos quando participou pela primeira vez das olimpíadas, sendo ela a primeira mulher sul-americana a participar. Desde então, a participação feminina nos jogos cresceu constantemente, fazendo com que ambos os sexos passassem a competir que na maioria dos esportes (FLOR, 2011).

Em 1995, na segunda Copa do Mundo de Futebol Feminino na Suécia, o então Secretário-Geral da FIFA, Joseph Blatter, falou que *“o futuro do futebol é feminino. Estamos convencidos de que por volta de 2010 o futebol feminino será tão importante quanto o masculino”*. Se pensarmos no papel que a bola desempenha enquanto elemento que une identidade nacional, tal contraste faz com que Franzini questione sobre: qual o lugar da mulher dentro do país do futebol? É evidente que o universo do esporte se caracteriza por ser, desde sua origem, um espaço predominantemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural. A entrada das mulheres em campo subverteria a ordem estabelecida nos jogos, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for mais exacerbada as suas reproduções (FRANZINI, 2005).

2.2 GÊNERO E FEMINILIDADE NO ESPORTE

Mesmo com essa inserção crescente da mulher ao ambiente esportivo, o cenário ainda é bastante sexista, de predominância masculina. Um exemplo disso é que há mais atletas masculinos, assim como equipes masculinas inscritas nas competições nacionais, mais técnicos, comentaristas, repórteres especializados, assim como mais homens do que mulheres na gestão esportista. Tendo essa ideia de que o esporte é um universo majoritariamente masculino, e considerando que a questão de gênero está entrelaçada à vivência das práticas corporais, no jogo e no lazer, falar sobre essa questão na prática esportiva é importante e necessário para o desenvolvimento e entendimento do papel feminino no mundo esportivo (VALDUGA, 2013).

A utilização do termo “gênero” tem por objetivo destacar o caráter social das diferenças baseadas no sexo. A definição dos conceitos de gênero é investigada para tentar explicar um dos motivos da exclusão da participação feminina no esporte. O feminino e o masculino ainda são tratados como desiguais em vários âmbitos da nossa sociedade; não é diferente no universo esportivo.

Meninos e meninas tem acesso a experiências limitadas para o que condiz com seu gênero. Consequentemente, limitando também as vivências no que diz respeito ao desenvolvimento motor, tanto de meninas quanto de meninos. Considerando as diferenças socialmente criadas, a prática esportiva acaba colocando em evidência a elegância, a delicadeza e a beleza da mulher, atributos esses rotulados como de “essência feminina”. Características essas pré-estabelecidas socialmente (mulheres: “sexo frágil”; homens: “fortes e corajosos”) que acabam agindo como métodos de exclusão (para o sujeito feminino) e inclusão (para o sujeito masculino) em diferentes modalidades esportivas. Demarcam seus espaços de sociabilidade, pois afirmam que algumas atividades não são apropriadas aos seus corpos (VALDUGA, FILHO, 2011).

Essa cultura “machista” no esporte, atribuída há séculos de opressão, é difundida/ensinada desde a infância, onde meninas não devem correr, pular, se sujar, pois isso são coisas que apenas meninos devem fazer. Meninos vão para escolinhas de futebol, de luta, etc., mas quantas escolinhas de esporte feminino podem ser encontradas facilmente? Ainda há uma predominância da relação menina e as danças de um modo geral, mas já é possível vê-la em escolinhas de natação, voleibol, dentre outros esportes. Os estereótipos criados sustentam as desigualdades como modelos; essa simbolização acaba sendo refletida no ambiente fora do esporte; esse tipo de diferenciação para meninos e meninas acaba sendo negativo para ambos. E no caso das mulheres, acaba afastando de práticas corporais dentro do ambiente escolar e social, dessa forma, limitando suas experiências de movimentos e afastando o seu interesse pelo esporte (OLIVEIRA, 2016).

A presença da mulher está em um processo constante de autoafirmação, enfrentando os espaços dominados por homens e mostrando que são tão boas quanto estes – em todas as modalidades. No quesito feminilidade, algumas mulheres são submetidas a testes de feminilidade¹ por não serem fisicamente tão femininas dentro de um padrão esperado. Enquanto no século XX, houve a preocupação com a preservação da feminilidade das mulheres atletas, presenciamos, no século XXI, uma visibilidade das mulheres no esporte de alto rendimento, o que acaba aproximando-as a uma imagem masculina em suas características físicas. Corpo forte, músculos potentes e avantajados são, rapidamente, associados aos atletas homens e quando algumas mulheres apresentam esses padrões de

1

* Teste de feminilidade: nome dado aos testes hormonais e ginecológicos, para confirmar se os níveis de androgênio são inferiores aos dos registrados em homens.

corpos, com características marcadamente masculinas, o gênero e o sexo delas passam a ser questionados. Um exemplo disso foi a “judoca”, de apenas 19 anos a época, Edinanci Silva, que, ao garantir sua vaga para as Olimpíadas de Atlanta, em 1996, passou a ser submetida a uma série de testes que apontaram a necessidade de uma intervenção cirúrgica. Isso ocorreu porque o COI (Comitê Olímpico Internacional), desde as Olimpíadas da Cidade do México em 1968, obrigava todas as atletas a se submeterem a um teste de feminilidade. A ideia era comprovar que todas eram realmente mulheres e, por conta disso, não teriam nenhuma “vantagem” na competição, zelando pelo princípio da igualdade nas competições (CAPUCIM e SILVA, 2014).

Quando são aprovadas as participações das atletas, elas recebem um “cartão rosa” para confirmar sua entrada na competição. Perceberam que Edinanci não passaria pelo teste e começaram um processo com várias intervenções para que ela pudesse representar o Brasil. Depois de iniciado esse processo, a judoca começou a ter sua vida investigada pela imprensa, que questionava o quão verdadeiramente mulher e feminina ela era: perguntavam se ela gostaria de casar, se tinha namorado, porque tinha o cabelo tão curto e foi comparada a um jogador de futebol. Mesmo depois de ter o teste aprovado, podendo competir até 2008 nas olimpíadas, Edinanci ainda foi alvo de questionamentos se era “mulher de verdade” (CAPUCIM e SILVA, 2014).

Parece-nos que a Política de Verificação de Gênero, como foi inicialmente denominada, simboliza a ideia de uma superioridade masculina, preocupada em demarcar e comprovar cientificamente que há uma distinção absoluta e insuperável entre os sexos. Por outro lado, esse teste mostra uma contradição: o esporte de alto nível requer, a cada dia, uma superação de performance, exigindo que as atletas sejam mais fortes, mais musculosas, mais rápidas. Ao mesmo tempo, essas mulheres precisam ser configuradas dentro dos padrões sociais heteronormativos, e com seu sexo comprovado cientificamente (SILVEIRA; VAZ, 2014).

Segundo Adichie (2014), o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos se não tivéssemos que nos vestir ou ser fisicamente dentro das expectativas de gênero.

2.3 A MULHER NO ESPORTE E A MÍDIA

Na relação esporte e cultura, o sistema midiático tem o poder de criar uma ideologia esportiva que desejar e/ou lhe interessar. Essa ideologia pode padronizar o envolvimento das pessoas com os esportes, incluindo ou excluindo as participações das pessoas de um

determinado grupo. Geralmente, os esportes que estão mais em evidências nas mídias são os mais praticados pela população. Embora não determine comportamentos, a mídia atua como um fator de poderosa influência na cultura esportiva. A mídia é o universo cultural em que as novas gerações se socializam no esporte. A TV é o veículo que mais influencia a cultura, por ser, ainda, o meio que junta o maior número de pessoas (CAMPOS; RAMOS; SANTOS, 2015).

Dessa forma, indiretamente, a mídia acaba dificultando o acesso feminino às práticas esportivas. Um dos fatores para isso acontecer é a forma como a mulher é rotulada pelos veículos midiáticos. É perceptível que quanto mais feminina a mulher esportista for, mais atenções positivas e elogios receberá. Muitas vezes o talento fica escondido atrás dessa feminilidade, feminilidade essa exigida pela mídia, pela sociedade. Uma atleta não tão feminina e fora dos padrões heteronormativos tem sua sexualidade questionada.

Para mídia, quanto mais a mulher esbanjar beleza e um corpo perfeito, mais a matéria irá chamar atenção, terá audiência. Ou seja, os veículos informativos buscam isso de forma específica: tirando fotos de atletas em posições que possam conotar sensualidade e estratégicas para que os olhares não sejam apenas para como aquela atleta é boa jogadora, boa ginasta ou uma excelente profissional, mas sim, para como aquela mulher pode ser facilmente objetificada. O preconceito que as atletas enfrentam geralmente vem acompanhado de pensamentos enraizados na sociedade, desqualificando assim, a prática esportiva feminina.

Segundo Lutterbach (2016), as mulheres já são 45% do total de atletas das olimpíadas e avançam a cada ano em representatividade nos jogos, mas isso ainda não se traduz no espaço e tratamento que elas recebem da mídia.

Não é preciso ir longe. Uma simples corrida ao site de buscas Google revela que uma das maneiras mais comuns de se retratar a mulher no mundo do esporte é pelos seus atributos físicos. Um dos grandes fios condutores dessa visão tosca da realidade é a palavra “musa”. Em poucos minutos de pesquisa, no dia 14 de julho deste ano, essa forma de expressar a “capacidade” feminina apareceu 73 vezes no tênis, sessenta no vôlei, dez no handebol, quatro no futebol, três no basquete e duas no judô (CALÇADE, 2004).

No pouco tempo reservado às esportistas pela imprensa, ainda é comum a reprodução de estereótipos de beleza ou fragilidade. Enquanto os homens são vistos como heróis ou ídolos de certa modalidade, as mulheres costumam receber mais atenção pelos seus atributos físicos do que pelos feitos profissionais. Um sintoma recorrente é que a prática de eleger musas se naturalizou nas redações esportivas (ambiente esse, dominados pelos homens). O preconceito que as atletas enfrentam geralmente vem acompanhado de pensamentos

enraizados na sociedade que desqualificam a prática esportiva feminina (LUTTERBARCH, 2016).

Para mulheres que atuam em modalidades nas quais o domínio masculino é mais evidente (e maior) a presença do preconceito e a discriminação. No futebol brasileiro isso é muito claro. Apesar das conquistas, e dos ótimos resultados, as atletas brasileiras continuam desconhecidas para maioria da população. As mulheres estão progredindo em seus espaços e se tornando cada vez atletas melhores e com bons desempenhos, mostrando que não existe um sexo frágil, mas existem sexos frágeis e fortes. A mídia precisa acompanhar esse progresso e, mais importante, respeitar as mulheres como atletas e principalmente, como mulheres.

3 METODOLOGIA

O estudo é de natureza qualitativa que caracterizou-se como uma pesquisa documental, tendo como fontes de produção de dados as reportagens divulgadas no *portal online Globo Esporte Paraíba (GE-PB)* que, por sua vez, foram exibidas na TV (local), edição do Globo Esporte. De acordo com Gil (2002, p.62-63), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por exemplo: *ser “fonte rica e estável de dados”*. Para o autor, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, que, segundo o autor, o que as difere é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa.

3.1 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A pesquisa foi iniciada com leituras de artigos e reportagens em revistas *online* a partir de categorias: “Mulher no âmbito do esporte”, “Como a Mídia Enxerga a Mulher Esportista” e “Gênero e Feminilidade”. Os principais autores que contribuíram com o trabalho foram: FIRMINO (2014), GOELLNER (2005), CAPUCIM e SILVA (2014), SOUZA e KNIJNIK (2007) e LUTTERBARCH (2016).

Foi iniciada uma busca do site Globo Esporte Paraíba, onde a aba “catálogo de vídeos” foi a principal ferramenta para coleta de informações e matérias exibidas pelo veículo em 2017. Os dados foram coletados a partir da quantidade de vídeos postados no site a cada mês.

Foram contabilizados um por um, e assistidos um a um, para que pudesse verificar quais dessas matérias da mídia paraibana abordavam sobre a mulher no esporte.

A *priori*, foi feita uma busca em sites de emissoras locais para identificar a disponibilidade de conteúdo referente ao objeto deste estudo. Seriam utilizadas duas fontes de pesquisa para serem comparadas: o Jornal da Borborema, Jornal da Paraíba e Globo Esporte Paraíba. Foram enviados e-mails para cada um, solicitando as reportagens do ano de 2017 para análise, mas não obteve-se respostas. Foi feita uma sondagem nos *sites* destes jornais, onde percebeu-se que estes *sites* não possuíam uma ordem cronológica das suas postagens. Dessa forma, foi definido o *corpus de análise* (as reportagens exibidas no GE-PB e disponibilizadas no portal online, no ano 2017), considerando seu catálogo de vídeos em ordem cronológica, bem como, informações acessíveis do que é exibido nas reportagens na TV.

3.2 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Baseando-se nos estudos de Bardin (2009), para análise e tratamento dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo que, por sua vez, consistiu nas seguintes fases:

- Pré-análise: consistiu no primeiro olhar, na primeira leitura do *site* em suas reportagens exibidas na TV, pelo Globo Esporte Paraíba, denominada de “leitura flutuante”. Esta fase caracterizou-se pela primeira apreciação do catálogo de vídeos disponível no GE-PB compreendendo-o e identificando eixos centrais dos documentos;
- Exploração do material: consistiu na fase da exploração dos documentos buscando os registros, as inferências de conteúdo relacionado ao objeto de estudo e identificando ainda as categorias reveladas nesta fase. Além da contagem dos vídeos, foram assistidas cada reportagem que tinha como foco principal (sinalizada pela manchete) a mulher atleta.
- Interpretação inferencial: consistiu na relação entre os conteúdos, sendo feito uma análise das informações e reflexão dos resultados encontrados através da análise dos documentos, além dos interlocutores do estudo e o pesquisador.

4 RESULTADOS OBTIDOS

Quadro 1 – Reportagens exibidas em 2017: Aspecto quantitativo

MESES/2017	MATÉRIAS EXIBIDAS POR MÊS	MATÉRIAS COM MULHERES ESPORTISTAS/ATLETAS
<i>Janeiro</i>	171	1
<i>Fevereiro</i>	164	5
Março	189	7
<i>Abril</i>	177	6
<i>Mai</i>	187	5
<i>Junho</i>	166	4
<i>Julho</i>	173	5
Agosto	171	7
<i>Setembro</i>	163	3
Outubro	164	8
<i>Novembro</i>	160	6
<i>Dezembro</i>	61	3
TOTAL	1.946	60

Quadro 2– Reportagens exibidas no 1º TRIMESTRE DE 2017

MÊS	MANCHETE DA REPORTAGEM	DATA	DESCRIÇÃO
JAN	Taça Kika de Handebol de Areia serve de laboratório para técnicos da Seleção Brasileira.	20/01/17	Treino para competição e convocação para o pan-americano juvenil. A reportagem aborda o modo de treino e o foco para classificação.
	Mãe é faxineira de academia de jiu-jitsu para realizar o sonho do filho.	11/02/17	A mãe, Dayana Felipe, trabalha numa academia como faxineira, em troca o filho treina nela por não ter condições de pagar. Além de ter tornado-se instrutora. “Ela é polivalente, depois de toda a faxina, veste o quimono e ainda auxilia o professor de Jiu-Jitsu” (Repórter). “Ela é dedicada em tudo que ela faz. Além de ser mãe, ela é pai, aluna, é instrutora...”

			(Professor da Academia)
FEV	Rugby na praia: dez times disputam torneio para promover a modalidade em João Pessoa.	13/02/17	Torneio recreativo para abrir a temporada e divulgar a liga independente de Rugby , para que o time consiga visibilidade e patrocínio .
	Tiro com Arco: Yasmin Durand se prepara para a sua primeira competição internacional.	24/02/17	Fala sobre atleta de 15 anos e seu preparo para sua primeira competição internacional .
	Lutadora de paraibana disputa campeonato em Fortaleza.	25/02/17	O repórter inicia falando sobre a primeira luta no Nordeste da “nossa Bethe Pitbull” e depois mostra algumas das lutas já feitas por ela. É feito um comentário sobre a possível luta com a compatriota Amanda Nunes, na categoria galo. “E se você esperava polêmicas da paraibana sobre a compatriota...” (Repórter). “Meu sonho não é fritar a Amanda Nunes, meu sonho é fritar a campeã (...) meu sonho é disputar novamente o cinturão seja com quem estiver.” (Bethe Correia)
MAR	Globo Esporte homenageia as mulheres que fazem sucesso no esporte paraibano	08/03/17	A matéria começa falando algumas qualidades das mulheres como “talento”, mas a imagem que passa é de uma mulher bonita (ou seja, com beleza padrão). Depois nomeia algumas das atletas paraibanas. Após citar algumas atletas, diz o repórter: “As nossas mulheres esportistas têm a beleza de Mary Paraíba e a força de Bethe Pitbull” . A matéria é finalizada com “mulheres do nosso esporte. Vencedoras, Exemplos. Simplesmente mulheres.”
	Bethe Pitbull vive a ansiedade de fazer a sua primeira luta no Nordeste no UFC.	10/03/17	Repórter anuncia a luta da Bethe e dá ênfase no sobrenome Correia .
	Bethe Correia fala da expectativa para o UFC 160 em Fortaleza.	11/03/17	Reportagem começa falando sobre a expectativa de Bethe, no entanto, toma um rumo diferente. É iniciado um diálogo sobre o locutor da luta, venda dos ingressos e fazem brincadeiras com a plateia do local.
	Bethe Correia empata com Marion Reneau no UFC Fortaleza	13/03/17	Reportagem fala bem pouco sobre a luta de Bethe com Marion e a atenção da reportagem vai pra Vitor Belfort.

	Pedal das Mulheres percorre 120km de Lucena até a Praia de Pipa.	16/03/17	120 km de Lucena até a praia de pipa. Repórter fala “aqui homem não entra, nem em carro de apoio”. A matéria dura 56 segundos.
	FPBS homenageia mulheres com torneio de futebol de areia feminino no mês de março.	20/03/17	“O mês é das mulheres, e se a intenção é comemorar e valorizar as meninas, nada melhor do que uma competição” uma das atletas fala “a gente quando vai procurar patrocínio, alguém que apoie o esporte feminino em geral é muito difícil” e fala sobre a homenageada: Anna Raissa.
	Yasmin Durand é convocada pela primeira vez para a seleção brasileira de tiro com arco.	22/03/17	Refere-se a forma que ta sendo trabalhado o treinamento. Fala de Yasmin: “eu me dedico bastante ao esporte, apesar que tem dias que me sinto cansada e não quero treinar (...) mas eu levanto e luto pra conseguir o que eu quero”.

Quadro 3 – Reportagens exibidas no 2º TRIMESTRE DE 2017

MÊS	MATÉRIAS	DATA	DESCRIÇÃO
ABR	Janet Ancain visita instituto em João Pessoa	01/04/17	Fala sobre a visita da jogadora carioca de basquete Janet Ancain ao instituto e mostra algumas crianças falando sobre a inspiração e que querem ser ela quando crescerem.
	Time de futebol feminino pede ajuda nas ruas para disputar campeonato	18/04/17	Grupo de meninas faz pedágio para jogar no campeonato brasileiro escolar em Belém do Pará, deixam de treinar para juntar dinheiro para competir.
	Final da Taça das Mulheres de Beach Soccer	21/04/17	Repórter entrevista o presidente, que fala que “Taça das mulheres foi feita em homenagem a árbitra Ana Raissa, que foi a formada na primeira turma de árbitros no Brasil em 99”
	Paraibana comemora título da Superliga de Vôlei	24/04/17	Destaque para paraibana Drussyla, que foi dita como a “grande novidade do time, na Superliga”.
	Vovó descobre a natação, melhora a qualidade de vida e já ganha a primeira medalha	27/04/17	Dona Maria José, carinhosamente chamada como “Vovó do Cie”. Fala sobre as vantagens da natação e sobre a medalha da prata no Paraibano Master.
	Maníacos e Pé na Bola decidem neste domingo a Taça das Mulheres de Futebol de Areia.	29/04/17	Decisão da Taça das mulheres, repórter entrevista uma das meninas do time chamado Maníacos, fundado por homens de um bairro de João Pessoa.

MAI	Festival de Handebol de areia é campo de observação para a Seleção Brasileira na Paraíba	09/05/17	Handebol de praia feminino, fala sobre os treinos e expectativas para disputar o mundial juvenil e sobre o sonho em participar da seleção nacional. Rossana Marques faz observação.
	Meninas do Botafogo – PB falam ao vivo no GE sobre estreia no Brasileiro da Série A-2.	11/05/17	Repórter anuncia matéria falando “o botafogo entra em campo hoje! Ou melhor... ou melhor mesmo (risada), as Belas entram em campo hoje!”, logo em seguida uma entrevista sobre o jogo com a técnica e algumas jogadoras.
	Botafogo – PB perde para o Aliança – GO na estreia do Campeonato Brasileiro Feminino	12/05/17	Resultado do jogo entre o time feminino no Botafogo.
	Meninas do Grêmio Cief treinam para Inter federativo no Nado Sincronizado	18/05/17	Falando sobre viagem para competir no Rio de Janeiro e como são os treinos no nado sincronizado.
	Judocas pedem dinheiro em semáforo de João Pessoa para disputar Brasileiro de Judô.	23/05/17	Judocas Bruna e Ruth pedem dinheiro para conseguirem viajar para competição e depois do pedágio vão treinar. O repórter dá ênfase a Ruth, que já foi campeã pan-americana. O técnico fala sobre ter que pedir dinheiro e faz apelo para delegação.
JUN	Após pedágio em ruas de João Pessoa, judocas conseguem bons resultados	06/06/17	Judocas conseguem viajar e conquistar medalha no campeonato brasileiro na Bahia. Repórter faz alerta para empresários darem apoio às atletas.
	Amanda Mikaelly vive os dois lados no esporte: drama e recuperação com amor pela luta.	12/06/17	Superação de Amanda Mikaelly e o papel fundamental que o esporte tem na recuperação, depois de um acidente causado por uma luta de MMA.
	Dupla de Giovannas e irmãs amazonenses ganham 1ª etapa da Liga Paraibana de Vôlei de Praia.	19/05/17	Torneio feminino de Vôlei, fala sobre a vitória da dupla juvenil de Giovannas e vitória da dupla de irmãs na categoria adulta. Uma das atletas fala “acho que a Paraíba tem grandes talentos de vôlei de praia, para resgatar o feminino também”.
	Vovó se inspira em neta, perde medo da piscina e vira atleta máster.	24/06/17	Apresentador fala antes do início da matéria “a nossa vovó das piscinas está comemorando novas conquistas”. Fala de treino para competir em Belém do Pará e sobre o incentivo da neta de Dona Maria José.

Quadro 4 – Reportagens exibidas no 3º TRIMESTRE DE 2017

MÊS	MATÉRIAS	DATA	DESCRIÇÃO DA MATÉRIA
JUL	JP Espectros espera por adversário na decisão da Liga Paraibana de Basquete	15/07/17	Anúncio sobre a Competição da liga feminina de basquete que dura alguns segundos.
	ABC surpreende e vence o JP Espectros na final da Liga Paraibana de Basquete	17/07/17	Fala sobre vitória do ABC sobre JP Espectros e o preparo das jogadoras.
	Luana Lira e Thamy Galera vão às semifinais do Mundial de Saltos Ornamentais	19/07/17	Fala sobre a paraibana Luana Lira e sua dupla Thamy Galera que competiram na Mundial de Saltos Ornamentais na Hungria.
	PB Master reúne veteranas do vôlei para disputar a Liga Paraibana	22/07/17	Aborda o time de atletas veteranas do Vôlei com mais de 35 anos que reuniram para voltar a competir.
	Yasmim Durand tem nova chance para conseguir o índice para Mundial de Tiro com Arco	26/07/17	É abordado o fato de Yasmin ter ficado bem perto de conseguir uma vaga na seletiva para mundial na Argentina.
AGO	Sem apoio da CBHd, seleções de handebol de areia conquistam títulos no World Games	01/08/17	Fala sobre o time ter conseguido viajar e conquistarem o título após terem feito “vaquinha” na internet e conseguido custear.
	Paraibana Andressa Morais vai para final em mundial de atletismo	12/08/17	Ela foi a primeira fazer o lançamento entre as 30 atletas e conseguiu vaga, sendo a atual recordista sul-americana.
	Paraibana Lu Meireles é convocada para seleção brasileira pela primeira vez	12/08/17	Fala sobre a primeira vez que uma atleta paraibana é convidada para seleção brasileira feminina.
	Futebol feminino: Lú Mereiles comemora primeira convocação para a seleção brasileira	16/08/17	Atleta fala sobre a vontade do futebol ser sua principal profissão. Lú retrata que no início não se tinha muitas aberturas pra o futebol feminino e que atualmente o time do Botafogo ganhou visibilidade e isso deu abertura para que ela tenha sido convocada.
	Fabyolla Ribeiro segue os passos de atleta olímpica e vira a nova promessa do atletismo.	22/08/17	Fabyolla fala sobre influência da família e que o tio, e que tem como inspiração Andressa Morais. Vai disputar o campeonato sub-16.

	Nadadora paraibana se divide entre os treinos e os estudos para se tornar advogada	30/08/17	Paloma fala sobre a rotina da faculdade e treino na natação que são de 3 horas.
	Paraibana é campeã de ginástica rítmica em Aracaju e consegue vaga no Torneio Nacional.	31/08/17	Aborda a conquista da ginasta Odila Maia, no adulto nível 1. A reportagem ainda fala sobre outra ginasta que conseguiu vaga no nível 1, Aimée. A técnica fala “a cada dia, a cada ano a ginástica da Paraíba está crescendo”.
SET	Karen Eduarda comemora a medalha de ouro no Campeonato Pan-Americano de Taekwondo	06/09/17	Paraibana de 12 anos foi a única representante do Brasil na categoria 29kg, e é considerada uma das promessas do Taekwondo.
	Karen Eduarda vira promessa do taekwondo brasileiro para as Olimpíadas de 2024	21/09/17	Karen fala que treinou muito para conseguir a medalha de ouro nos Estados Unidos e a meta é chegar nas Olimpíadas de 2024.
	Advogada experimenta o kart a pedido da filha e confirma presença na Copa das Profissões	22/09/17	Mônica anda de kart pela primeira vez para corrida dos advogados.

Quadro 5 – Reportagens exibidas no 4º TRIMESTRE DE 2017

MÊS	MATÉRIAS	DATA	DESCRIÇÃO
OUT	Jiu-jitsu conquista as mulheres e ajuda a acabar com o preconceito nas artes marciais	03/10/17	Apresentador: “as mulheres estão cada vez mais presentes nas artes marciais, no Jiu-Jitsu não poderia ser diferente... força, agilidade, precisão, mas sem deixar de ter um toque feminino”. Repórter: “durante muito tempo eles dominaram os tatames, só que as mulheres estão ganhando mais espaço no Jiu-Jitsu”; “elas treinam forte, sem frescura nenhuma”. O professor de Jiu-Jitsu, Messias, completa “elas percebem que a gente tenta pegar leve com elas, elas cobram que não, que tem que ser igual os homens. Com um tempo as mulheres treinando chegam a ter a mesma resistência que os homens têm”.

	Rute Macedo disputa o Troféu Brasil querendo se manter no topo do ranking nacional	07/10/17	Disputa para o troféu Brasil, falando sobre as conquistas e treinos no Judô para o campeonato brasileiro.
	Ginastas paraibanas fazem pedágio em busca de dinheiro para disputar competição em SC	14/10/17	Odila e Aimee, pedem ajuda em semáforo para conseguirem ir para o campeonato em Chapecó e falam sobre treino, no intuito de conseguir medalha.
	Júlia Neves troca a ginástica pelo atletismo e tenta vaga nos Jogos Escolares da Juventude	17/10/17	Julia fala sobre tentar Heptatlo para conseguir conquistar novas coisas, e mostra como são treinos da atleta.
	Micaelle Pereira sai do sertão paraibano em busca de vaga nos Jogos Escolares da Juventude	18/10/17	Micaelle, filha de agricultor, disputa o atletismo de pés descalços e diz que se tivesse sapato teria um melhor desempenho, mas não tem como custear.
	Inspirada em Andressa, Fabyolla Ribeiro supera marcas do ídolo e vira promessa do atletismo.	19/10/17	História de Fabyolla e empenho para disputar os jogos escolares da juventude em Brasília.
	Italiana de 9 anos conhece a Vila Olímpica Parahyba e vira promessa dos saltos ornamentais	26/10/17	Foco em como a modalidade atraiu Virgínia para fazer os saltos e que ela é uma promessa.
	Líbero e árbitra de vôlei, Márcia Costa, curte bom momento na Liga Paraibana	31/10/17	Márcia é aposta no jogo, ela fala como gosta de ser a libero e sua importância no jogo. Além de jogar ela é arbitra em outros jogos.
NOV	Paraibana se prepara para participar de Brasileiro de Tiro com Arco.	02/11/2017	Yasmin Duran, é mais uma vez citada e comentam como ela se aventura em outro esporte e tem como hobby o vôlei. O tiro ao arco é citado e rotina de treino para a competição no campeonato brasileiro.
	Raissa Fernandes vive grande fase no surfe e sonha em ser bicampeã universitária.	03/11/17	Raissa fala sobre os dois anos morando em Florianópolis – SC, e sobre a ajuda do conterrâneo Fabio Gouvêa. Ela se prepara para o campeonato brasileiro universitário.
	Com ajuda de amiga, paraibana vai disputar Grand Slam de Jiu-	11/11/17	Vitoria, vai disputar o Grand Slam e conta com a ajuda de Barbara para os treinos. Com força da amiga, Vitória consegue ter foco e simula o

	Jitsu no Rio		adversário.
	Descendente indígena, Rafaela vira sensação no futebol feminino da Paraíba	15/11/17	Fala sobre a atacante Rafaela ter sido descoberta disputando os jogos indígenas e se tornou a sensação do futebol paraibano. Técnico fala “é um prazer, ainda mais ela vindo de uma tribo indígena, pra gente foi uma grande surpresa”
	Judocas paraibanas participam de seletiva para formação da seleção brasileira	23/11/17	Judocas, Rute e Valesca, falam sobre treinos para seletiva para seleção brasileira. Elas falam sobre falta de patrocínio e o valor de um Kimono padronizado.
	Meninas do Cabo Branco comemoram bons resultados no Brasileiro de Nado Artístico	30/11/17	Aborda os treinos e resultados do grupo infantil de nado.
DEZ	Kashima arranca empate com a Desportiva Guarabira e vai à final do Paraibano Feminino	02/12/17	Fala sobre jogo entre o Kashima e o Desportiva Guarabira, garantido vaga na final pro Kashima no empate.
	Natação paraibana se prepara para a última competição da temporada	04/12/17	Abordam a amizade das meninas do Grêmio Cief e a parceria que conquistou a medalha de ouro em Aracaju. Técnico fala que foi uma das provas mais emocionantes porque elas conseguiram superar algumas dificuldades.
	Paraibana termina a temporada como melhor nadadora do país na maratona aquática	06/12/17	Cláudia ganha destaque como nadadora que foi campeã na copa Brasil na Bahia. Destacam, também, o fato dela morar em Campina Grande e ser uma cidade sem praia. Cláudia fala sobre a falta de patrocínio.

Quadro 6 – Mulheres, as práticas esportivas e status social

NOME	MODALIDADE	UNIDADE DE SENTIDO	STATUS
Dayana Felipe	Jiu-Jitsu	Trabalha para realizar o sonho do filho atleta	Gestora
Yasmin Durand	Tiro com Arco	Preparação para competições	Atleta e Estudante

Bethe Correia	MMA	Lutas profissionais	Atleta
Ana Raissa	Árbitra	Profissional	Árbitra
Drussyla Costa	Vôlei	Jogos profissionais	Atleta e Estudante
Maria José	Natação	Da prática de lazer para competições Master	Atleta e Aposentada
Rossana Marques	Técnica de Beach Handebol	Profissional	Técnica
Luana Lira	Saltos Ornamentais	Competições profissionais	Atleta e Estudante
Amanda Mikaelly	MMA	Início para competições. O esporte como forma de recuperação.	Atleta e Estudante
Andressa Moraes	Atletismo	Profissional	Atleta
Lú Mereiles	Futebol	Jogadora profissional do Botafogo - PB	Educadora Física
Fabyolla Ribeiro	Atletismo	Preparação para competições	Atleta e Estudante
Paloma	Natação	Preparação para competições	Atleta e Estudante de Direito
Odila Maia	Ginastica rítmica	Preparação para competições	Atleta e Estudante
Aimée	Ginastica rítmica	Preparação para competições	Atleta e Estudante
Karen Eduarda	Taekwondo	Preparação para competições	Atleta e Estudante
Rute Macedo	Judô	Preparação para competições	Atleta
Bruna	Judô	Preparação para competições	Atleta
Júlia Neves	Atletismo	Preparação para competições	Atleta e Estudante
Micaelle Pereira	Atletismo	Preparação para competições	Atleta e Estudante
Márcia Costa	Vôlei	Preparação para competições	Atleta
Raissa Fernandes	Surfe	Preparação para competições	Estudante de Marketing
Victória Gomes	Jiu-Jitsu	Preparação para competições	Estudante
Barbara Meira	Jiu-Jitsu	Preparação para competições	Estudante
Rafaela	Futebol	Preparação para competições	Estudante
Rute	Judô	Preparação para competições	Atleta
Valesca Santos	Judô	Preparação para competições	Atleta
Cláudia Virginia	Natação	Preparação para competições	Atleta

Patrícia	Jiu-Jitsu	Para preparação física	Policial
Valtiene	Jiu-Jitsu	Para equilíbrio emocional	Esportista e Dona de Casa
Mara Almeida	Jiu-Jitsu	Qualidade de vida	Esportista e Nutricionista
Mônica Figueiredo	Kart	Lazer	Advogada
Janet Ancain	Basquete	Jogadora profissional	Atleta
Patrícia Bichara	Vôlei	Preparação para competição	Atleta e Dona de Casa
Silene	Vôlei	Preparação para competição	Atleta e Dona de Casa

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Foram analisadas 60 reportagens de 1.946, retiradas do catálogo de vídeos do Globo Esporte Paraíba (GE-PB), formuladas tabelas com transcrição das reportagens e contabilizadas as mulheres atletas e categorizadas por modalidade, unidade de sentido e status social. Observa-se no Quadro 1 que a quantidade de reportagens sobre esportistas/atletas mulheres é muito pequena seja a análise mensal, trimestral ou anual. Os meses março, agosto e outubro são os que mais vincularam reportagens voltadas à mulher no esporte. O mês de março muito provavelmente veiculado ao chamado “mês da mulher”, em função do dia 08 de março (Dia Internacional da Mulher). Destaca-se a descritores da reportagem, no quadro 2: *“O mês é das mulheres, e se a intenção é comemorar e valorizar as meninas, nada melhor do que uma competição”*. O que comemorar nesse mês quando a própria atleta entrevistada desabafa *“a gente quando vai procurar patrocínio, alguém que apoie o esporte feminino em geral é muito difícil”*. Os meses agosto e outubro concentraram-se preparação para competições e campeonatos específicos. Daí, a iniciativa de dar visibilidade as atletas, valorizando sua participação, empenho, esforço individual e busca de patrocínio.

Segundo Souza e Knijnik (2007), meninas e mulheres têm poucas atletas em quem possam se espelhar, porque, apesar das atletas estarem sendo bem-sucedidas nos esportes, seus triunfos têm sido constantemente ignorados pela mídia. Essa falta de visibilidade da

participação feminina no esporte faz com que a sociedade acredite que tais práticas não são importantes e não merecem atenção.

No quadro 2, percebe-se que no 1º trimestre teve o total de 13 reportagens com foco nas mulheres esportistas, sendo que em janeiro foi de 171 reportagens para 1 sobre mulheres, em fevereiro, de 164 para 5, e em março foi de 189 para 7 reportagens sobre mulheres atletas no GE-PB.

Em janeiro houve apenas uma reportagem exibida. Nela há um breve resumo do que acontece na *Taça Kika* e o preparo para competições. Essa taça também contempla times masculinos nas competições, mas o foco da reportagem foi o feminino, mostrando as habilidades das garotas e seus empenhos para conquistar outros lugares no handebol de areia. No mês de fevereiro, das 5 reportagens contabilizadas, foi observado que a reportagem do dia 11/02/17, tratou sobre Dayana Felipe, uma mãe que trabalha numa academia para que o filho possa treinar, mas a “chamada” para a matéria é intrigante ou até sensacionalista: *Mãe é faxineira de academia de jiu-jitsu para realizar o sonho do filho*. É utilizado o termo “faxineira”, no anúncio da reportagem, para falar sobre Dayana, mas só durante a matéria falam que ela também é instrutora de Jiu-Jitsu e acompanha o filho nos treinos. É perceptível o modo que utilizam esse termo para conseguir chamar atenção do espectador para matéria. O foco poderia ser no modo como ela conseguiu chegar a ser instrutora. Abre-se a leitura da matéria a troca de mão-de-obra de trabalho pelo treino do filho. O que pode indicar que sua remuneração em parte é o treinamento do filho. Existe também, implícito na matéria o vislumbrar do sucesso do filho e o sonho de uma vida melhor, através do esporte.

Segundo Firmino (2014), o universo esportivo é caracterizado como um ambiente masculino, e mesmo que a mulher esteja numa constante busca pelo seu espaço e reconhecimento, quando o seu sucesso profissional não está relacionado diretamente à beleza, o tratamento da notícia relaciona o comportamento feminino à fragilidade, rótulos sociais ou descontrole emocional. Apesar das presenças das mulheres atuando dentro do esporte ser crescente, elas ainda sofrem com a valorização de outros elementos em vez de seus atributos atléticos (e acrescenta-se profissionais).

Com isso, percebe-se que a notícia do dia 25/02/17, sobre a lutadora paraibana Bethe Correia, em uma fala do apresentador do jornal GE-PB que menciona o primeiro nome veiculado na mídia da lutadora chamando-a de “Bethe Pitbull”. Segundos depois, o repórter da entrevista estimula a imaginação do público soltando um comentário “*e se você esperava polêmicas...*”, fazendo com que se associe a imagem da lutadora ao cão da raça, que tem fama de ter atitudes extremamente agressivas e violentas. Logo em seguida, a lutadora

responde ao comentário afirmando que seu objetivo é o cinturão, seja com quem ele estiver que a meta não é causar problemas e sim, conseguir ser campeã. Essa é uma forma que a mídia encontra de chamar atenção do espectador, e acaba consequentemente passando a mensagem que quando a mulher não está dentro dos padrões físicos de delicadeza, ela tende a ser mais agressiva e querer briga, passando uma imagem estereotipada da atleta.

Destaca-se, nesse instante, ainda referente ao quadro 2, dia 13/02/2017, a reportagem sobre time de Rugby feminino mostrou o apelo das jogadoras por visibilidade e patrocínio, o que acontece com frequência no esporte feminino. O apoio é voltado mais para times masculinos, considerando maior alcance de telespectadores, consequentemente, de venda maior do produto ou serviço do patrocinador.

Em março, foram 7 reportagens contabilizadas sobre mulheres atletas. A matéria do dia 08/03/2017, referente a uma homenagem ao dia da mulher, fala no início de algumas características, dentre elas o talento. A imagem que é associada a essa característica é a de uma mulher dentro dos padrões estéticos de beleza, relacionando o talento a ser bonita/ à seguir os padrões de beleza, passando uma ideia de que pra ser uma atleta completa você tem que se encaixar nesses padrões.

As reportagens do dia 10, 11 e 13 são voltadas a lutadora Bethe Correia. No dia 10, o que se pôde perceber é a diferença de tratamento do nome da lutadora. Enquanto no site, o anúncio da matéria chama a lutadora de “Bethe Pitbull”, o apresentador a chama de Correia, dando ênfase ao dizer. Nas matérias do dia 11 e 13 o que chamou atenção foi o desvio da atenção à lutadora e o foco em outros pontos, como o lutador Vitor Belfort e o locutor da luta discutida, elementos esses que chamam mais atenção no caso do UFC. Isso acontece porque o UFC ainda é uma competição que o homem predomina, apesar da mulher ter dominado o espaço e ter vencido preconceitos de que “mulheres não podem lutar”, é inevitável que o homem ganhe destaque maior do que elas nessa área.

No quadro 3, refere-se ao 2º trimestre de 2017, que se inicia no mês de abril com 177 reportagens contabilizadas para 6 sobre mulheres atletas. O estudo destaca a reportagem sobre jogadora Janet Ancaín, exibida em 01/04. Apesar de não ser paraibana, ganha destaque na reportagem por visitar um instituto e ser exemplo para algumas crianças. Visto que além de ser um ato nobre, contribui para a visibilidade de uma atleta, mostrando para essas crianças que uma mulher pode ser uma ótima profissional.

No dia 18/04 a reportagem abordou a falta de patrocínio de um time juvenil de futebol do estado, enfatizando meninas fazendo pedágio para poder competir nos jogos escolares em Belém do Pará. Segundo Sousa (2016), a falta de patrocínio é um dos principais motivos para

o futebol feminino enfrentar tantas dificuldades. Por não serem vistas pela sociedade, e tendo a mídia como principal meio de ajuda para o futebol feminino, e não conseguirem bons patrocínios por falta de audiência, as atletas têm salários baixos e diversos clubes passam apertos para conseguir bancar todas as jogadoras.

Ainda sobre o quadro 3, dia 27/04, chamou atenção a reportagem sobre Dona Maria José, diz a manchete: *Vovó descobre a natação, melhora a qualidade de vida e já ganha a primeira medalha*. A própria manchete fala desse descortinar do esporte para a mulher, onde somente na velhice, Da. Maria José experencia a natação motivada pela qualidade de vida que a leva para prática de desempenho com participações em competição Master. Mulher, velhice e esporte desempenho parece ser mais uma realidade com pouca visibilidade, muito embora, as competições master masculinas também não possuem grande inserção na mídia esportiva.

Em maio foram contabilizadas 187 reportagens, sendo 5 sobre a mulher no esporte. Uma das notícias que mais chamou atenção foi a do dia 11/05 sobre jogadoras do Botafogo-PB, em que o apresentador fala: *o Botafogo entra em campo hoje! Ou melhor... ou melhor mesmo (risada), as belas entram em campo hoje!* Além da manchete que anuncia: *Meninas do Botafogo – PB falam ao vivo no GE sobre estreia no Brasileiro da Série A-2*. O uso dos termos meninas e belas parece uma necessidade de destacar (para amenizar) a polaridade mulher e futebol. Olha, as meninas jogam futebol e são bonitas! Veicula-se na entrelinha da manchete e do repórter a relação da beleza que podem até reforçar comentários machistas sobre ser melhor ver mulheres jogando do que homens.

Algo recorrente nas reportagens é a busca de recursos financeiros para financiar participações em competições, com a exibida no mês de abril. As judocas, na reportagem exibida no dia 23/05, também fizeram pedágio devido à falta de patrocínio e apoio. A invisibilidade da atleta na mídia faz com que empresários não prestem tanta atenção no esporte feminino, isso faz com que as atletas mulheres recebam menos que os homens, como já discutido anteriormente a partir de Sousa (2016).

No esporte, o gênero ainda é estruturante e divide maiores salários para os homens e menores salários para mulheres. Mesmo que as mulheres, em termos quantitativos, sejam das mesmas modalidades esportivas que os homens, elas não são reconhecidas como tais (CAPITANIO, 2010). Em junho, apenas 4 reportagens foram contabilizadas e dentre elas a do dia 06/06, que aborda a vitória das “judocas” e o apoio financeiro que o GE-PB deu, além da divulgação, o que ajudou as atletas do Judô irem ao campeonato e conquistarem a medalha. Isso intensifica o discurso de como a mídia é necessária para o esporte, principalmente feminino, que se tivesse mais abertura midiática não passaria talvez menos dificuldades e

mais apoio. Daí a importância de avançar num jornalismo esportivo ainda de predominância masculina que torna as atletas e esportistas quase que invisíveis, a não ser quando ganham medalhas ou obtêm melhores resultados se comparados aos homens, como aconteceu na Copa de 2014, onde falava-se em substituir Martha por Neymar.

No quadro 4, que se refere as reportagens do 3º trimestre do ano, mostra que em julho tiveram 173 reportagens, sendo 5 voltadas à mulher. Apesar dessa quantidade de matérias nesse mês, não houve nenhum assunto para ser debatido que tivesse ênfase em algumas das pautas principais do trabalho. Apenas sobre campeonatos e ganhos das mulheres desse mês, o que não anula a importância da divulgação dos seus méritos e reconhecimento.

Em agosto, algumas atletas ganharam destaque entre elas a jogadora de futebol Lú Meirelles, por ter conseguido uma vaga para testes na seleção brasileira feminina. Reforçando a ideia de que apesar de um atleta da seleção feminina ser talentosa, ela não recebe a mesma visibilidade e nem financiamento que um homem da seleção recebe.

A reportagem do dia 01/08 abordou novamente a falta de patrocínio e a necessidade das atletas se unirem para angariar recurso financeiro para conseguirem competir. A reportagem do dia 22/08 fala sobre a adolescente Fabyolla e seu ícone Andressa Morais, que está presente na reportagem do dia 12/06, que traz como ela se espelha na atleta e quer seguir seus passos olímpicos. A importância de se ter referências femininas no esporte e ter acesso a quem são essas mulheres, é fundamental para que crianças e jovens entendam que existem espaços para todas as pessoas no esporte, seja qual for o sexo e a modalidade esportiva.

No quadro 5, que remete ao 4º trimestre do ano, começa pelo mês de outubro, que teve 8 reportagens sobre mulheres atletas de 164 reportagens exibidas. A reportagem do dia 03/10 se destacou pela relação corriqueira entre mulher, feminilidade e lutas. Observa-se na descrição da reportagem: *as mulheres estão cada vez mais presentes nas artes marciais, no Jiu-Jitsu não poderia ser diferente... força, agilidade, precisão, mas sem deixar de ter um toque feminino*. Diz o repórter: *durante muito tempo **elas** dominaram os tatames, só que as mulheres estão ganhando mais espaço no Jiu-Jitsu. Elas treinam forte, **sem frescura nenhuma***. Os termos: toque feminino, sem frescura (o que pressupõe que a mulher tenha frescura normalmente) reforçam, na visão do estudo, a necessidade de a mulher precisar esbanjar feminilidade e se encaixar nos padrões principalmente quando está lutando. Reconhece a reportagem que o tatame é um espaço de predominância masculina, mas abre espaço para informar que a mulher vem vencendo preconceitos e tem assumido à luta como profissão e/ou hobby ou defesa pessoal, para o combate de crimes contra a mulher.

No mês de novembro, tiveram 6 reportagens sobre as atletas para 160 reportagens exibidas, dentre elas, a do dia 15/11, cuja manchete: *Descendente indígena, Rafaela vira sensação no futebol feminino da Paraíba*. Na descrição, apontou: a atacante Rafaela foi descoberta disputando os jogos indígenas, tornando-se a sensação do futebol paraibano. Mas, a fala do Técnico ao dizer que *“é um prazer; ainda mais ela vindo de uma tribo indígena, pra gente foi uma grande surpresa”*, aponta para algumas perspectivas: a surpresa de uma descendente indígena praticar futebol, como se as culturas indígena e não-indígena não dialogassem nos dias de hoje, ou então, a surpresa dupla de um talento mulher e indígena. Talvez ainda, tenha-se a ideia de que falta informação nas comunidades indígenas do que acontece fora delas, podendo ser um assunto abordado dentro da sala de aula sobre como as minorias lutam pelo seu espaço no esporte mesmo com o preconceito tão presente. No dia 23/11 destaque-se mais uma vez a falta de patrocínio para as atletas do judô.

Em dezembro, apenas 61 reportagens foram exibidas e 3 delas sobre mulheres, abordando competições esportivas.

O quadro 6, traz o nome de cada mulher num rápido perfil multifacetado que as reportagens trazem, desde a condição de ser mãe, avó, dona de casa, atleta profissional ou amadora, estudantes, faxineira e instrutora, nutricionista, advogada, etc, que usam a sua prática para diferentes finalidades lazer, qualidade de vida, performance. Mostra ainda que as modalidades esportivas que mais aparecem são: luta (Jiu-Jitsu, Judô, MMA e Taekwondo), vôlei e atletismo, mas também aparece o handebol e natação, dentre outras em menor frequência. Interessante que as lutas foi a maior recorrência de reportagem sobre a mulher e o esporte, fato que contraria uma tradição cultural e aponta que as lutas também são coisa de mulher.

A mulher e atleta mais retratada em reportagens no portal online foi Yasmin Duran, aparecendo em quatro reportagens durante o ano abordando seus treinos, preparações, resultados em competições de tiro com arco. As unidades de sentido menos citadas foram a de técnica e árbitra, isso mostra que alguns lugares do esporte ainda não são ocupados por mulheres, pelo fato de ainda serem ambientes onde o homem tem um espaço e renome. Foram citadas várias atletas e profissionais paraibanas nesse trabalho e quase nenhuma delas tem o reconhecimento que merece ou que cada uma deseja ter, especialmente aquelas que tem o esporte como profissão ou almeja ter. Poucas mulheres das reportagens, talvez possam ser reconhecidas por cidadãos do estado da Paraíba, pois provavelmente não ouviram falar ou nunca assistiram a um jogo, por exemplo, do Botafogo, equipe feminina. O tempo e espaço que as mulheres têm no jornal esportivo é mínimo se comparados aos destinados aos homens.

A visibilidade de mulheres no esporte, veiculada pela TV, pode rotular, reconfigurar, manter e/ou revelar ao público outros horizontes de sentido para a imagem da mulher no esporte e fora dele também. A cultura do país, o apoio, o lucro, a inspiração, a paixão, estão ligados às modalidades masculinas. A meta é que isso não desencoraje as mulheres que sonham e lutam para ocupar um lugar no esporte, na sociedade de uma forma mais igualitária.

O estudo percebe a influência da mídia na construção de uma sociedade voltada ao esporte. Os meios de comunicação estão totalmente integrados na vida das pessoas, transmitindo informações, criando imaginários e construindo uma interpretação de mundo, assim a imagem (ou a falta dela) da mulher esportista/atleta pode influenciar vidas. Esse debate pode ser levado pra sala de aula como foco de uma discussão com os alunos de Educação Física, sobre essa influência da mídia esportiva, quantas mulheres atletas eles conhecem dentro ou fora do seu âmbito familiar. Além do(a) professor(a) incentivar a inclusão dos gêneros em todas as atividades esportivas sem o modo separatista, promovendo a igualdade, trabalho coletivo, senso crítico e o olhar social desses alunos. Estimular a participação das meninas a partir do conhecer das histórias de atletas locais. O valor educacional do esporte deve estar em torno da transformação de conduta das pessoas, da formação de opinião e reestruturação de valores, e construção de uma cultura esportiva através da Educação Física (PAES, 1996).

A partir desse elenco de mulheres atletas, esportistas, o(a) professor(a) poderá usar a metodologia de projeto incentivando nos alunos a inquietação, a pesquisa sobre a história de vida de algumas delas, compreendendo sua trajetória no esporte. Os dados do estudo, podem ser transformados em conteúdo de sala de aula, onde os alunos poderão ter uma apreciação crítica e valorização destas personalidades locais, identificando na vivência esportiva destas mulheres a diversidade de práticas esportivas e a partir delas, o(a) professor(a) de Educação Física abordar sobre esportes de invasão, de rede/parede, de campo e taco, bem como, os preconceitos, suas vitórias, etc.

Dessa forma, a prática pedagógica para o trato do esporte a partir de uma realidade local e também estaria alinhada ao que sinaliza a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), especialmente no que se refere às seguintes competências apontadas para a Educação Física:

identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas; identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes; interpretar

e recriar os valores, sentidos e significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam (BRASIL, 2017, p. 181)

A Educação Física escolar precisa e deve diversificar seu fazer pedagógico, apresentando à comunidade escolar ações que apontem para a formação de alunos que contribuam com a cultura de paz, de combate à violência contra a mulher, fazendo-os constituir uma sociedade que respeita à diversidade de gênero, as formas de ser e viver com o outro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se uma necessidade de ampliar a visão da mídia paraibana para a mulher no esporte. O estudo mostrou que em 2017 poucas matérias jornalísticas foram exibidas nessa temática, apenas 60 dentre as 1.946. Com base nas questões de estudo realizadas no início desse trabalho e com os dados coletados, percebe-se que o lugar da atleta paraibana é paradoxal no sentido de ser um lugar único e vários, ao mesmo tempo. As mulheres encontram-se nos ringues, quadras, campos, piscinas, ruas, casas, dentre outros. Tais lugares, para esse estudo, são rede de relações, experiências, entendimentos sociais e políticos do que cada uma delas protagoniza no mundo do esporte e da (re)significação dos papéis sociais da mulher. Porém, percebe-se ainda que o lugar da bela e feminina mulher

Embora, o quantitativo de matérias mostre que pouco tempo foi destinado a tratar sobre a mulher no esporte, as atletas destacam-se nos resultados obtidos em campeonatos, como também, batalham por mais espaço, recursos financeiros, driblar maternidade e esporte profissional, conciliar estudos e treinos, etc. num curto espaço de tempo a elas concedido no cenário do esporte televisivo no estado. Falta muito ainda para a devida equiparação de reportagens, onde a maioria das matérias do veículo abordam o esporte masculino local. Isso em função de uma tradição cultural que ainda prevalece na afirmação que lugar de mulher não é em todas as modalidades esportivas.

Os discursos que prevalecem são do imaginário social, mesmo que o lugar que elas ocupem sejam os campos de futebol ou os ringues de lutas. Observou-se, especialmente nas reportagens que tratavam de um esporte, historicamente masculino, revelaram os discursos da beleza (antes do talento esportivo), da maternidade, da feminilidade, da assistência social, dentre outros.

As reportagens exibidas foram predominantemente para divulgar a preparação para competição e seus resultados, bem como, a necessidade de recursos financeiros para participar treinar e competir. Dessa forma, percebe-se o discurso social das reportagens para o esporte feminino, dando visibilidade as atletas (em seus resultados) para conseguirem patrocinadores, que são de grande importância para o financiamento e/ou apoio para as mesmas. Depois que foi mostrado algumas das atletas arrecadando dinheiro em semáforos, mesmo sem apoio de patrocinadores, mas sim, com apoio da população, algumas conseguiram atingir seus objetivos que era de ir para competições. Frisando a necessidade de apoio midiático a essas atletas e como a mídia influência no reconhecimento delas pela sociedade.

As matérias exibidas e mapeadas por esse estudo podem ser levadas para dentro da sala de aula e discutidas com os alunos durante a aula de Educação Física, onde o(a) professor(a) poderá propor aos seus alunos(as) um projeto escolar *Mulheres no Esporte Paraibano*, de forma a incentivar a pesquisa e o conhecimento de mulheres nas mais diversas práticas esportivas, em seus diferentes sentidos e significados (desempenho, lazer, saúde, trabalho, etc.), de forma a desenvolver um pensamento crítico e analítico sobre temas como feminilidade dentro do esporte, inclusão de todos os alunos nas atividades sem distinção de gênero, preconceitos sobre a mulher no esporte. Além disso, práticas pedagógicas que tenham como base a construção e apreensão crítica dos conteúdos poderão contribuir para o fortalecimento da identidade e representatividade para futuras atletas, que, na maioria das vezes estão presentes no âmbito escolar, bem como, vislumbrar uma sociedade livre dos preconceitos.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. Revista Estudos Feministas, v.12, p.445-65, 2003.

ADICHIE, C. N. **Sejamos Todos Feministas**. Edição 1. Editora: Companhia das Letras, 2014.

ALONSO L. K. Mulher, corpo e mitos no esporte: In: Simões AC. (org.) – Mulher e Esporte – mitos e verdades. Barueri (SP): Manole; 2003. p.35-47.

ANNUNZIATO. F.; MENON. L. – **Reflexões acerca do papel da mulher na liderança esportiva** – 2016 – Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd154/papel-da-mulher-na-lideranca-esportiva.htm> – acesso em: 15 de março de 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Ministério da Educação, 2017. p 181.

BORELLI Viviane. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos**. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001.

CALÇADE, Paulo Ricardo. **Mulher, esporte e exploração midiática: do tanque para os gramados. III Fórum de debates: Mulher & Esporte- Mitos e verdades**. São Paulo, 16-18 set. 2004, p.109. Disponível em:< http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporte_Mitos_e_Verdades.pdf > Acesso em: 18 abr. 2018.

CAMPOS. André; RAMOS. Paulo; SANTOS. Amanda. **A Influência da Mídia no Esporte**. Disponível em: < <http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0620-1.pdf> > Acesso em: 17 mai. 2018.

CAPITANIO. A. M. **Mulher e esporte: a análise da auto-percepção das desigualdades**. Universidade de São Paulo – USP, 2005, Dissertação de Mestrado.

CAPITANIO, Ana Maria. **Autopercepção de desigualdade de atletas mulheres**. *Polêmica*, v. 9, n. 2, p. 70 – 83, abril/junho 2010.

CAPUCIM e SILVA. Giovana. **A feminilidade em teste no esporte**. Disponível em: <<https://xadrezverbal.com/2014/12/12/a-feminilidade-em-teste-no-esporte/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FERRERO, Clara. **Os 9 títulos mais machistas dos Jogos Olímpicos do Rio – 2016** – Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/estilo/1470770467_506561.html> Acesso em: 15 mar. 2018.

FIRMINO, Carolina. **“SOU ATLETA, SOU MULHER”**: A REPRESENTAÇÃO FEMININA E AS MODALIDADES MAIS NOTICIADAS NAS OLIMPÍADAS DE LONDRES 2012. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Carolina-Firmino-UNESP.pdf> – Acesso em: 18 de mar. 2018.

FLOR. Patrícia. **Esporte feminino venceu preconceitos e tradições**. Disponível em: <<http://www.livresportes.com.br/reportagem/esporte-feminino-venceu-preconceitos-e-tradicoes>>. Acesso em: 17 abr. 2018

FRANZINI, Fábio. **"Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol"**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Globo Esporte Paraíba. **Catálogo Vídeos**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pb/videos/>> Acesso em: 10 mar. 2018

GOELLNER, Silvana V. **As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século**. *Revista Movimento*, Porto Alegre, RS, v. 9, p. 47-57, 1998.

GOELLNER, Silvana V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

GOELLNER, S.V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. Pensar a prática, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

LOURO, Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Editora Vozes. 1997.

LUTTERBACH, Maria. **Mania de musa: As atletas segundo a mídia esportiva**. Disponível em: < <http://www.generonumero.media/mania-de-musa-as-atletas-segundo-a-midia-esportiva/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

MAZZOCATO, Ana Paula Facco; TELLES, Cassiano; CASAROTTO, Veronica Jocasta; ROSA, Cristian Leandro Lopes. **A INFLUÊNCIA DO ESPORTE NA MÍDIA E NO DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE**. Disponível em: < <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2012/Linguagens%20e%20desenvolvimento%20socio-cultural/artigos/a%20influencia%20do%20esporte%20na%20midia%20e%20no%20desenvolvimento%20da%20sociedade.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2018.

MIRAGAYA, Ana. **As mulheres nos jogos olímpicos: participação e inclusão social**. Disponível em: < http://www.sportsinbrazil.com.br/livros/as_mulheres_jogos_olimpicos.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

OLIVEIRA, Gilberto. CHEREM, H.L, Eduardo. TUBINO, J.G, Manoel. **A inserção histórica da mulher no esporte**. Miolo RBCM Vol. 16 n 2. Indd 117- 125. Revista Brasileira Ciência e Movimento. Editora Universa. 2008.

OLIVEIRA, M. S. **Ser menina: Um olhar bioecológico para o gênero feminino na infância e na adolescência**. Dissertação (apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física Escolar: o Esporte como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental**, 1996. 206f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SANTOS. A.L.; MEZZARROBA. Cristiano. **Esporte e mídia: gênero e preconceito presentes no discurso midiático-esportivo e suas possíveis implicações na escola**.

Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd172/esporte-e-midia-genero-e-preconceito.htm>> Acesso em: 17 mai. 2018.

SILVEIRA, Viviane Teixeira ; VAZ, Alexandre Fernandez . **Doping e controle de feminilidade no esporte**. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso) , v. 42, p. 447-475, 2014

SOUSA, Jhessica. **Não existe glamour: a invisibilidade no futebol feminino**. Disponível em: < <https://trendr.com.br/n%C3%A3o-existe-glamour-a-invisibilidade-no-futebol-feminino-b54f2a688c8e>> Acesso em: 25 mai. 2018.

SOUZA, Juliana. S. S.: KNIJNIK, Jorge D. **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil**. In Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.

VALDUGA.C.; FILHO. A. G. S. **Recortes midiáticos: o universo feminino na cultura esportiva brasileira**. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd161/o-universo-feminino-na-cultura-esportiva.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

VALDUGA, Camila. **O universo do futebol feminino na cultura brasileira: considerações a partir de recortes midiáticos**. Disponível em: < http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/148/Valduga_Camila.pdf?sequenc>. Acesso em: 20 mai. 2018.